

## **Festa e Cidade: Contribuições para o entendimento das espacialidades contemporâneas.**

**Carmem Lúcia Costa**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFG/CAC

clcgeo@hotmail.com

### **Resumo**

O presente texto é parte de uma reflexão onde analisamos a importância das festas na construção de espacialidades urbanas no Brasil, mais especificamente a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, no interior de Goiás. A análise busca explicar as transformações, persistências e deteriorações na produção desta festa e qual a sua relação com a construção do modo de vida urbano em Catalão, no interior de Goiás. No trabalho procuramos desenvolver a tese de que as festas são importantes práticas socioespaciais de construção da sociabilidade no campo e nas pequenas cidades no interior do Brasil, sendo que as festas compõem um espaço-tempo marcado pela reunião de pessoas para festejar, o que aparece como condição de reprodução da vida e, também, do capital. Para a realização da pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico, onde as principais matrizes foram obras de Henri Lefebvre, Guy Debord e Ana Fani Carlos. Outros autores que trabalham com o tema também foram pesquisados. Realizamos ainda uma pesquisa em fontes documentais e orais com entrevistas e aplicação de questionários com os moradores da cidade, com os dançadores da Congada e com os feirantes que participam da parte comercial da Festa.

### **Palavras-Chave: Festa/cidade/espço**

### **Abstract**

The present text is part of a reflection where we analyze the importance of the parties in the construction of urban in Brazil, more specifically the Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário in Catalão, interior of Goiás. The tracing we explain the transformations, persistents and deteriorations in the production of this party and which its relation with the construction in the urban way of life in Catalão. At work we look for to develop the thesis of that the parties are important practical urban of construction of the sociability in the field and the small cities in the interior of Brazil, being been that the parties compose a space-time marked for the meeting of people to make party, what appears as condition of reproduction of the life and, also, of the capital. For the accomplishment of the research a bibliographical survey was made, where the main matrices had been workmanships of Henri Lefebvre, Guy Debord and Ana Fani Carlos. Other authors who also work with the subject had been searched. We still carry through a research in documentary sources and you pray

with interviews and application of questionnaires with the inhabitants of the city, the members of the Congada and the peoples that participate of the commercial part of the Party.

**Key-words: Party/ city/ espace.**

### **A permanência do espaço – tempo da festa na periferia do Brasil**

A reflexão dá-se no sentido de dialogar com alguns trabalhos sobre festas desenvolvidos no pensamento geográfico, principalmente. O tema tem despertado o interesse crescente de pesquisadores preocupados em buscar as origens e os motivos da permanência destas na sociedade atual. Uma parte considerável dos trabalhos analisa o vivido e o percebido na produção das festas, ou, em alguns casos apenas o vivido e o percebido pelos sujeitos envolvidos com as festas. Outras áreas do conhecimento têm procurado compreender as festas, existem vários trabalhos sobre a festa nas áreas da linguagem, filosofia, história, antropologia e outras.

A proposta é, então, analisar a festa a partir da tríade vivido X percebido X concebido, acrescentando alguns elementos no debate sobre a permanência desta prática sócioespacial na atual sociedade, como a sua mercadificação e as disputas de poder que daí estabelecem-se; estas relações especializam-se em paisagens diferentes, com culturas e práticas diferentes, conferindo a cada uma das festas realizadas uma especificidade e uma globalidade, dimensões que não estão separadas ou sobrepostas.

A globalidade é a reprodução da sociedade urbana, de um modo de vida urbano caracterizado pela programação e pelo consumo que interferem e alteram as práticas cotidianas. Alguns autores da Geografia analisam a sociedade urbana metropolitana, explicando o urbano produzido nas metrópoles brasileiras, dando importantes contribuições para o estudo do tema. Dentre as várias leituras, optamos por uma que analisa o processo de produção do urbano a partir da produção de capital.

Embora as contribuições sejam muitas, entendo que há uma falta de trabalhos que expliquem a expansão da sociedade capitalista e do processo de

urbanização na periferia, ficando os estudos concentrados no processo de produção da metrópole, ou analisando a periferia como “consequência” da metropolização.

Algumas leituras do processo de urbanização na periferia têm priorizado uma análise quantitativa levantando dados sobre equipamentos e serviços, número de população, tamanho da área da cidade, entre outros; estes estudos procuram elaborar um conceito de cidade média ou pequena.

Mas como pensar a especificidade sem a globalidade? Acreditamos que existe a necessidade de entendermos o processo de reprodução do urbano em nossa sociedade analisando este movimento na periferia. Mas não uma leitura quantitativa.

Desta forma procuramos entender a expansão do urbano na periferia analisando o modo de vida urbano em construção e reconstrução de acordo com a relação com o centro. Para tal, a noção de produção de centralidades na periferia é o caminho proposto. Assim procuramos a partir de uma prática socioespacial entender como o modo de vida é transformado pela mudança do papel da periferia, que agora se torna, em alguns lugares, o lócus da produção industrial. Estas mudanças serão observadas a partir da realização da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão no interior de Goiás.

A escolha do objeto deu-se por uma vontade de explicar as transformações observadas na cidade desde a década de 1970, quando tem início o processo de modernização da agricultura na região sudeste de Goiás e a instalação de indústrias de extração mineral em Catalão e no seu entorno. A escolha da festa deu-se a partir da necessidade de compreender a expansão do capital industrial e as transformações provocadas no modo de vida na periferia, que ainda guarda muitas práticas rurais, reproduzindo uma relação cidade-campo marcada por especificidades. Como estas práticas são influenciadas e influenciam a reprodução do capital industrial na região? Que transformações observarmos nas práticas cotidianas? Qual o papel das festas na produção do capital? Por que práticas “arcaicas” permanecem na sociedade moderna e quais as suas funções? São questões para a análise.

As festas são a oportunidade do encontro, do lazer, da dança, um dos poucos momentos de lazer que acontecem, a princípio, para todos. Desde os tempos mais

antigos a festa é parte da sociabilidade humana, momento de comemorar, agradecer, pedir, ou extrapolar os limites da vida cotidiana.

Desde o princípio da História do Homem, as festas são rituais muito próximos da fé, do sagrado, mas também do profano, do pecado. Uma relação dialética entre Apolo e Dionísio que representa os embates que fazem parte da vida de todos nós; a alegria e o prazer, a dor e a penitência, o sagrado e o profano, o deus e o diabo; as festas persistiram ao longo do tempo, embora deus e o diabo tenham tido os seus significados transformados.

Os motivos para a festa mudaram de acordo com a forma de organização para a produção da riqueza nas sociedades. À medida que a relação com a Natureza transforma-se, as práticas festivas iam adquirindo outras finalidades além da comemoração das boas colheitas; o profano foi fortalecendo-se diante do sagrado à medida que a relação de dominação da Igreja Católica ia enfraquecendo. Outro sinal de transformação é o sincretismo religioso adotado no Brasil onde, principalmente os negros escravos, adotaram os santos católicos para realizarem seus rituais, como a Congada que é uma festa de santo de preto, de acordo com Brandão.

Mas, mesmo com as transformações, as festas continuam. Tal fato nos leva a indagar o porque desta continuidade, os elementos que persistem, que formas espaciais estas festas reproduzem. Na busca pela compreensão, encontramos as festas religiosas como as que apresentam um grande número de elementos que persistem ao longo do tempo, como a fé e as feiras comerciais.

### **O espaço-tempo das festas em Goiás**

As festas religiosas são elementos que ajudam a compreender o processo de urbanização no interior do Brasil, principalmente em Goiás. Na periferia não encontramos muitas opções de lazer como teatros, museus, zoológicos, shopping center; estas opções de lazer estão concentradas na capital, Goiânia. No interior, as cidades, até meados da década de 1970, eram poucas e concentravam pouca população, sendo uma característica da economia predominantemente rural. No final do século XX inicia-se o processo de reorganização do espaço produtivo no Brasil

com a interiorização de parte do capital industrial para as cidades pequenas e médias e a afirmação do agronegócio; este processo pode ser observado em regiões como o sul e o sudeste do estado de Goiás, onde fica Catalão.

As regiões que se industrializam vivem transformações que podem ser observadas na paisagem e no modo de vida, nas práticas dos moradores, como as festas. Desde o século XVII as festas fazem parte da construção da sociabilidade do povo goiano, sendo um espaço-tempo do encontro dos que viviam em fazendas ou pequenos povoados; além destes fatores, a festa também oferecia a possibilidade da troca de produtos produzidos na região e trazidos por mascates que no espaço-tempo da festa, realizavam o comércio.

Nesta época, Goiás era um estado onde as condições de vida da população eram precárias em termos de falta de equipamentos urbanos e as cidades eram uma “extensão” do campo: poucas casas possuíam energia elétrica e a água era retirada de poços, conhecidos como cisternas; para cozinhar o fogão à lenha que também aquecia a água para o banho, ou pequenos fogareiros nos quintais \_ que tinham como característica a amplitude. A economia predominantemente de subsistência explicitava-se nos teares manuais que faziam parte da paisagem da área de serviços de grande parte das casas, assim como a roda de fiar onde as mulheres teciam as roupas de cama e tecidos para cozer a maioria das roupas da família.

A economia da região sudeste de Goiás baseava-se principalmente na pecuária, na carne \_ vendida na forma de charque, na mineração e em pequenos pontos comerciais que abasteciam as vilas de produtos como o combustível usado nos candeeiros para iluminar as casas e as poucas ruas. Como se costuma dizer na cultura do goiano, para ser cidade só precisa ter “uma praça, um bar e uma igreja”, e acrescentamos “uma festa”. Esta realidade ainda faz parte de algumas pequenas cidades.

As festas religiosas eram realizadas pelo povo sem a mediação direta de autoridades da Igreja, que neste período eram poucos e ausentes em muitas regiões do Brasil. As comunidades das fazendas ou das cidades tinham a autorização para construir igrejas e realizar rituais de fé e festas para os santos da Igreja Católica. Assim, eram organizadas festas com rezas, danças, comida e bebida; as dimensões do sagrado e do profano sempre presentes, sendo que o profano \_ representado

pela bebida, danças, bingos, comida, sexo \_ exerce um fascínio, principalmente quando não há a presença do padre para repreender, cercear.

Na história do povoamento de Goiás, a importância das festas religiosas é destacada por Gómez (1994: 21)

Na igreja ou capela começam a celebrar-se as festas religiosas, especialmente a do titular. Movido pela religiosidade, mas igualmente pela necessidade de convivência, o povo acorre por ocasião das festas. Surgem em torno da capela armazéns e vendas. É o que no interior é conhecido pelo nome expressivo de 'comércio'; o início de um povoado, que com o tempo se transforma em arraial e depois numa cidade.

Observamos a partir desta colocação de Gómez que, além da igreja e das festas, o comércio também era elemento fundamental na produção destas cidades na periferia. Essencial para a sobrevivência nestas regiões, os pontos comerciais multiplicam-se com o incremento da indústria nacional e com o desenvolvimento tecnológico e com a chegada de migrantes libaneses e árabes no estado de Goiás.

A igreja e a realização de festas religiosas contribuía para a produção de uma centralidade temporária com um considerável número de pessoas de toda a região concentradas, o que representava a oportunidade de consumo, a circulação do dinheiro, a realização do ciclo do capital. Essa centralidade manifesta-se em cidades polo que concentram serviços, comércio, oportunidades de emprego fora do campo, escolas, opções de lazer.

Podemos dizer, então, que a fé, as festas e o comércio constituem a tríade que explica o processo de urbanização em Goiás, são a base das cidades goianas e que ao longo do tempo persistiram transformando-se.

### **As transformações na periferia: novas centralidades X velhas práticas**

Em um grande número de municípios goianos as festas em fazendas e, posteriormente nas pequenas vilas eram constantes. Algumas persistem até os dias atuais como a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, as festas comunidades rurais, as Cavalhadas de Pirenópolis, a Festa do Divino Pai Eterno em

Trindade e tantas outras que compõem um cronograma festivo que atrai pessoas de várias partes do país todos os anos.

As festas que ainda fazem parte do calendário goiano têm como característica a persistência diante de uma realidade econômica e social que se transforma rapidamente no estado. As festas que persistiram transformando-se são parte de uma dinâmica urbana que vai transformando as formas e as funções da cidade, o modo de vida dos goianos.

Se algumas festas ainda são realizadas, um grande número destas práticas foi deixando de existir ou diminuindo; Em Catalão a folia de reis, a catira, os rodeios nas fazendas, o carnaval de rua, são práticas com pouca expressividade. A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário é uma das “velhas práticas” que persistem reproduzindo uma centralidade que se transforma à medida que a cidade transforma-se.

Mas como ela persiste? O que se transforma? Podemos compreender as transformações na festa e em suas dimensões a partir da reprodução do urbano em Catalão e buscar aí os processos que explicam esta mudança. A compreensão destes processos requer uma volta no espaço-tempo para apontarmos alguns elementos que contribuem para o entendimento do objeto.

Entradas e bandeiras que percorriam o território brasileiro ainda no século XVI foram criando pequenos povoados onde membros destas comitivas fixavam-se para criar pontos de abastecimento para os homens que exploravam o interior em busca das riquezas minerais. Catalão era uma destas muitas vilas que surgiam como um entreposto comercial, um centro de abastecimento de produtos em grandes áreas de criação de gado, mineração e agricultura.

Na pequena vila do século XVIII, viajantes paravam para descansar e abastecer as comitivas de suprimentos em viagens que partiam de São Paulo e Rio de Janeiro para o interior do país, a vila estava em um local estratégico entre o centro e o interior do país; esta posição estratégica contribuiu, e ainda contribui, para que se constituísse aí um nó na rede de comercialização e distribuição de produtos entre o centro e a periferia.

Nas comitivas que percorriam o interior do país a presença dos escravos era fundamental no trabalho de transporte de cargas; quando a comitiva chegava a algum povoado, ao fim dos trabalhos era permitida aos negros a realização de suas festas, sendo uma delas a Congada. Muitos membros das comitivas fixavam-se nos povoados, contribuindo para o aumento do número de pessoas naquele lugar, entre eles muitos

negros, reproduzindo aí suas tradições e valores que se mesclavam aos dos índios e dos europeus.

Em Catalão também assim aconteceu. Alguns negros ficaram na região, outros chegaram depois; trabalhavam nas lavouras de cana-de-açúcar, na mineração, pecuária. Os que permaneceram na cidade procuraram manter suas tradições, sua cultura, suas festas, entre elas a Congada, prática passada de pai para filho.

O comércio já aparecia como uma função do pequeno povoado, as festas também já se faziam presentes, faltava a igreja. De acordo com Gómez (1994: 21), a construção de igrejas foi uma estratégia utilizada por fazendeiros que queriam valorizar suas terras através da criação ou expansão de povoados. De acordo com o autor,

Estamos diante do que poderíamos qualificar de modelo do povoamento goiano no século XIX – o ‘patrimônio’. Numa área já ocupada pelos sítios e fazendas, um fazendeiro decide fazer doação de um lote de terras para a construção de uma igreja. É movido, sem dúvida, pela devoção, mas também pelo interesse de atrair moradores e valorizar mais suas terras; não falta também o orgulho de sentir-se o fundador.

No século XX, a partir de 1930, a rede de distribuição de produtos é ampliada no Brasil em função da política do “rodoviarismo” que buscava integrar o território nacional para melhorar os fluxos – de mercadorias, de pessoas, de informações. A consolidação do fordismo no Brasil reorganizou o território em bases para a industrialização, o que exigia uma forma de se fazer chegar aos consumidores os produtos da indústria, como a abertura de instituições bancárias, as vias de comunicação, centros atacadistas e lojas varejistas em várias regiões do Brasil.

Com a construção de Brasília na década de 1950 e as vias de ligação da capital com o sudeste, algumas regiões são inseridas de forma mais intensa na rede de comercialização, como o estado de Goiás e a cidade de Catalão, cortada pela BR 050 que liga a capital a Minas Gerais e São Paulo. Batista de Deus (2005:4147) ao comentar a construção da estrutura viária em Goiás argumenta sobre sua importância. Em suas palavras,

A estrutura viária, construída a partir do governo JK, nos anos 50, e consolidada nos anos 70, pelos governos da ditadura militar, proporcionou a integração de territórios

antes com precária comunicação – o que lhes impedia de se inserirem de forma plena nas rotas dos fluxos. Goiás é um exemplo característico, pois neste Estado, só a partir dos anos 50 foi iniciada a construção de vias ligando toda a porção central e sul de seu território ao centro produtor do país.

Como o autor coloca a ligação do estado ao centro produtor do país é uma consequência do caráter expansionista do capital que requer a inserção de novos territórios com a finalidade agregar novos mercados produtores e consumidores ao seu ciclo, produzindo novas centralidades na periferia. Goiás é um exemplo das transformações causadas por esta expansão do capital no território brasileiro e este processo vai reproduzindo revoluções, como argumenta Harvey: (1991: 162)

El capitalismo es sumamente dinámico e inevitablemente expansionista. Movidó pó el motor de la acumulación por amor a la acumulación, que usa como combustible la fuerza de trabajo, constituye una fuerza permanentemente revolucionaria que da forma permanente al mundo em que vivemos.

A força revolucionária a qual o autor se refere, pode ser observada no território goiano que “moderniza-se” rapidamente com a construção de equipamentos, não só as ferrovias e rodovias, como também energia elétrica, água tratada, esgoto, escolas, vias de comunicação, redes bancárias, comércio varejista e moradias. A constituição de tais equipamentos provocou transformações na paisagem e na vida das pessoas, colaborando, entre outras coisas, para o aumento do consumo e incremento do comércio.

Já na década de 1970, com a crise do fordismo a nível mundial, uma reorganização do sistema capitalista faz-se necessária; alguns elementos deste contexto são apresentados por Harvey (1992:140) como as estratégias que passaram ao primeiro plano do capitalismo. São elas: “a mudança tecnológica, a automação, a busca de novas linhas de produtos e nichos de mercado, a dispersão geográfica para zonas de controle do trabalho mais fácil, as fusões e medidas para acelerar o tempo de giro do capital.” Estas estratégias reorganizaram a divisão territorial do trabalho e da produção, consequentemente do consumo.

No Brasil a entrada maciça de capital estrangeiro em busca de novos nichos de mercado, reorganiza o território no campo e na cidade, sendo que o desenvolvimento

tecnológico e a automação expandem a fronteira agrícola do país, modernizando as relações no campo e nas cidades no interior, com o surgimento de novos setores de produção, novas formas de crédito e incremento do consumo. Ainda de acordo com Harvey (1992:140), estes fatores proporcionaram “rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual”, redistribuindo capital, serviços, empregos, etc.

Este processo pode ser observado em Goiás que, a partir de 1980, começa a se estruturar fisicamente com investimentos públicos para receber o capital privado, principalmente na área da agricultura – o agronegócio que se firmaria no final da década de 1990 – e de indústrias, com a transferência de unidades de produção do centro – São Paulo – para outras regiões. Dentro desta política de expansão do capital, os estados da federação travam o que Santos (2001:112) denomina “guerra fiscal, guerra dos lugares”, baseada em incentivos fiscais \_ com isenção total ou parcial de impostos \_, em construção de distritos industriais com terrenos em grande quantidade para indústrias, treinamento de mão-de-obra, moradias, estradas de rodagem, ferrovias, e outros equipamentos financiados pelo estado.

Em Catalão, na década de 1970 a descoberta de reservas de nióbio na região e a modernização da agricultura dão novo impulso à economia da cidade, atraindo mão-de-obra de outras regiões para trabalhar nas mineradoras e nas lavouras de soja. A população agrícola soma-se aos operários das mineradoras, aumentando a demanda por moradias e outras infraestruturas na cidade, bem como incrementando o comércio local. Posteriormente, já na década de 1990, a cidade começa a receber unidades produtivas de indústrias dentro da reorganização promovida pela “guerra fiscal”; este fato contribuiu para o desenvolvimento econômico da região e, conseqüentemente, para o fortalecimento do comércio na cidade.

Neste contexto de transformações, modernização da economia brasileira, o comércio também se moderniza, diversifica-se. Até a década de 1970 o comércio estava centralizado em grandes centros atacadistas em pontos estratégicos de distribuição pelo país, sendo um destes centros a cidade de Uberlândia, fato que já contribuía para que a cidade de Catalão – distante apenas 120Km de Uberlândia - tivesse um comércio expressivo, constituindo-se polo na região sudeste do estado de Goiás.

Já no final da década de 1980, a integração do território nacional era uma realidade, pelo menos nas regiões sul, sudeste e Centro-oeste, que já contavam com uma rede de distribuição complexa e centros atacadistas e varejistas de grande porte,

acompanhando a reestruturação do setor produtivo no país e as exigências estruturais – bancos, escolas, comércio, vias de transporte, etc – que este processo exigia. A comercialização intensifica-se em todo o território e o setor terciário torna-se o maior setor de geração de empregos nas cidades, principalmente as de médio e pequeno porte; com a diversificação da produção e o desenvolvimento tecnológico, a oferta de emprego neste setor diversifica-se e passa a exigir cada vez mais do trabalhador, principalmente a formação na área tecnológica, fato que exclui uma grande parcela de trabalhadores deste setor.

Diante das transformações a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário persistiu, outras festas desapareceram. Mas como esta velha prática reproduz-se na modernidade e de que forma ela contribui para a reprodução de centralidade na periferia?

### **O movimento da Festa: transformações, persistências e deteriorações.**

As festas dos goianos estão muito ligadas, ainda, a um modo de vida rural, revelando persistências de práticas “não modernas” em simultaneidade com práticas “novas”, modernas, urbanas; este processo é resultado de transformações rápidas no território goiano que passa de uma economia com base agropecuária para um estado industrial e com forte presença do agronegócio em menos de cinquenta anos.

Analisamos algumas mudanças na Festa a partir das transformações ocorridas com o processo de industrialização que se intensifica a partir da década de 1970 e a modernização da agricultura com o avanço da fronteira agrícola no cerrado. Estes fatores reorganizaram o uso da cidade e do campo e geraram uma expectativa da criação de empregos e aumento de renda das famílias da região e todo o país que migravam em busca de oportunidades.

A modernização da agricultura expulsa o pequeno proprietário do campo para a cidade onde não consegue emprego em função da pouca qualificação, aumentando os bairros com moradias precárias e sem infraestrutura; os empregos gerados pelas novas empresas exigem mão-de-obra especializada e a maioria dos trabalhadores deste setor vem de outras regiões. Para estes últimos migrantes, surgem a cada dia novos bairros bem localizados e servidos de infraestrutura, a especulação imobiliária cresce e a paisagem transforma com o crescimento do sítio urbano, englobando propriedades rurais que faziam divisa com a cidade.

Os bairros distantes, sem infraestrutura, construídos com verbas públicas são destinados a atender os migrantes de baixa renda, os trabalhadores não incluídos nos índices de geração de empregos. São construídos bairros para os trabalhadores em locais distantes do centro, com construções precárias como as que observamos em trabalho realizado sobre o programa habitacional do governo do Estado de Goiás na década de 1980.<sup>1</sup> Em muitos destes bairros de periferia moram os dançadores da Congada, que compõe a dimensão cultural da Festa do Rosário, uma dimensão que é explicada pelo papel do negro e da sua cultura na sociedade brasileira.

A cidade desenvolve-se economicamente, mas a expectativa de melhoria de vida dos trabalhadores é frustrada para uma grande parte destes, principalmente para os dançadores, os congadeiros, que, conforme dados da pesquisa, compõem o universo dos trabalhadores com renda de até dois salários mínimos.

O desenvolvimento econômico da região estabelece uma relação com as práticas cotidianas, reorganizando-as, transformando o sentido, principalmente das festas, muitas de origem rural, que agora eram tidas como práticas arcaicas que não cabiam dentro do desenvolvimento, da modernização da cidade. Procuramos observar as transformações na Festa do Rosário, que começam ainda no século XIX, conforme apuramos em relatos e leituras.

A dimensão cultural, representada pelas Congadas, sempre foi alvo de muitas críticas por parte da Igreja, quando do fim do padroado e do comando por parte da paróquia do calendário festivo. Os negros e suas práticas foram transferidos, segregados, para outra Igreja na rua central da cidade, uma construção velha e pequena que não demorou muito a desabar deixando os negros e a Festa sem um lugar para ser realizada. Tal fato fez com que a realização da Festa fosse interrompida na cidade até a construção de outra Igreja para Nossa Senhora do Rosário, que fica pronta em 1956. Mas, as relações de poder entre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e a Igreja são ainda são marcadas por conflitos, por espaço, por verbas, por prestígio.

A Congada, que compõe a dimensão cultural da Festa, é uma prática socioespacial que remonta os tempos da escravidão no Brasil, quando escravos vindos de diferentes regiões da África, lutavam para manter vivas as tradições e a identidade negras em terras de branco, como o ritual de coroação do Rei Congo e a devoção aos seus deuses – como a deusa Ifá. Em terras de branco, os negros tiveram que se submeter à racionalidade da cultura europeia cristã e adotaram santos da Igreja Católica para representar os seus

deuses e para conseguirem assim, através das festas religiosas para os santos católicos, continuarem com suas práticas socioespaciais, com suas festas, como as Congadas. Conforme Moura<sup>2</sup>, as práticas religiosas dos negros foram proibidas e ainda,

Isto acontecia, em primeiro lugar, por decorrência do monopólio do sagrado pela Igreja Católica Romana, pois somente os seus preceitos e dogmas de fé eram considerados verdadeiros, sacralizados e oficializados. Em segundo, a religião que detinha o monopólio da explicação do sagrado do mundo, tinha poderes, também para explicar o natural. Daí porque a Igreja Católica, através do que se convencionou chamar de sincretismo, procurou penetrar e desarticular o mundo religioso do africano escravizado, usando o método catequista, batizando-os coletiva e coercitivamente, num trabalho de cristianização o qual nada mais era do que tentativas, via estruturas de poder, de monopolizar o sagrado e influir através dessa estratégia, no nível político, social e cultural. Esse sincretismo, por isto mesmo era unilateral. Era um sincretismo de uma só direção. A Igreja Católica somente permitia esse chamado processo sincrético de cima para baixo, jamais permitindo a contaminação dos seus princípios teológicos pelas posições animistas, fetichistas e, por isto mesmo primitivas e pagãs das religiões dominadas e praticadas pelos negros escravos.

Acreditava-se que, com o sincretismo de uma só direção, em pouco tempo os negros estariam totalmente convertidos aos valores cristãos ocidentais, estariam civilizados e abandonariam as práticas pagãs. No entanto, os negros elaboravam estratégias para resistirem ao domínio do branco através da persistência de suas práticas. Ainda de acordo com Moura, o idioma e a religião “foram dois fatores culturais mais relevantes dentro do contexto da escravidão e que possibilitaram a resistência social do negro escravo e do livre até os nossos dias.”<sup>3</sup> Através da religião e da “adoção” dos santos católicos é que a Congada persistiu, se transformando ao longo dos anos.

No Brasil a Congada persistiu enquanto prática festiva aliada à religião nas regiões onde o trabalho escravo foi mais utilizado como o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e alguns estados do sul do país. No nordeste do Brasil a cultura negra deu origem a outras formas de manifestação como o maracatu, que acontece durante o carnaval. Como vieram para o Brasil negros de diferentes aldeias africanas, a Congada, assim como outras manifestações culturais, apresentam, até hoje, variações de ritmos, de

vestimentas, de instrumentos nos vários lugares onde ainda é realizada. Desta forma temos uma variedade de estilos que fazem com que os ternos da Congada tenham características bem distintas, mesmo em áreas próximas como acontece com a Congada de Catalão e de Uberlândia no Triângulo Mineiro<sup>4</sup>.

A origem da Festa em Catalão é analisada por vários pesquisadores a partir da história oficial que narra a vinda de escravos para a pequena vila de Catalão, ainda no século XIX, para trabalharem nas minas, nas fazendas de gado, nas plantações de cana-de-açúcar e nas plantações de café em fazendas da região. Outra característica interessante é que a cidade surge em função da fé a Nossa Senhora do Rosário, fato que aumenta a importância da Festa na construção da identidade dos moradores da cidade.

Para os dançadores mais antigos os relatos - nem sempre comprometidos com o discurso oficial, com os dados, com a certeza – resgatam o universo lúdico da Festa: a Congada. Nos relatos coletados junto aos dançadores, em acervos particulares de dançadores, compreendemos que para eles a origem da Festa é algo envolto pelo lúdico, pela fé, histórias de gente que guardam momentos de luta, de sofrimento, de trabalho e de muitas dificuldades onde a fé em Nossa Senhora é apontada como o caminho garantir as forças para a continuidade da vida. A Congada é transmitida enquanto valor de uso para as novas gerações através da comunicação oral e da prática, uma vez que filhos de dançadores acompanham os ensaios e a Festa desde os primeiros dias de vida.

O sentido da Festa é outro: os devotos dançadores da Congada vivem e percebem este espaço-tempo do ponto de vista do “de dentro” do espetáculo. Entendemos a Congada enquanto uma prática sócioespacial espetacularizada, visto que é uma prática realizada, também, para o outro. Sobre este ponto, a compreensão de Santana<sup>5</sup> sobre o Maracatu no Recife oferece elementos para a compreensão do movimento: “No passado, o espetáculo tinha o sentido político de expressar poder, no presente, assume o caráter comercial e político partidário.” Na Congada em Catalão observamos também este processo de espetacularização que coopta e transforma o sentido da Festa, inserindo-a na reprodução do circuito de valorização, de mercadificação. Necessidade deste momento de reprodução do capital onde a festa torna-se o produto oferecido pela cidade.

Espectáculo no passado buscando a afirmação de um poder que já não existia mais na prática, lutando por reconhecimento; espetáculo no presente buscando agregar valor de troca a sua prática e deixando-se cooptar como instrumento de afirmação de grupos políticos locais, ainda buscando poder e reconhecimento “do outro”.

A Congada, na cidade, tem afirmado a sua dimensão de espetáculo, ou seja, uma mudança no seu sentido que acompanha as transformações da sociedade moderna. Para Maia<sup>6</sup>,

Neste mundo, onde cada vez mais imperam as imagens, é a cidade seu supremo espetáculo e onde se estimula, cada vez mais, o ver em detrimento do viver. Assim, até mesmo aquilo que seria consagrado pelo passado – a tradição – ou o que estaria cravado em um modo de ser – o costume – é transformado em espetáculo.

Desta forma observamos, na Festa em Catalão, o fazer a festa para o outro como forma de se buscar o reconhecimento e o prestígio junto à comunidade local que, em alguns momentos, percebe a Congada como uma manifestação de “preto que não tem nada mais para fazer”. A inserção do branco e o aumento do número de dançadores, a inserção de novos instrumentos musicais, os novos ritmos e a adaptação de canções de sucesso na mídia são exemplos deste processo, que pode colocar em risco a tradição da Congada, como alerta Carlos Maia:

Entretanto advertimos que a ‘tradição’ não deve ser rompida apenas para tornar-se ‘economicamente viável’ e, assim, continuar respirando. No mundo festivo, a alteração da tradição, como maneira de compreensão deste mundo, tem implicações muito mais amplas, que escapam à racionalidade econômica ou a uma possível transcendência a esta racionalidade apenas no plano do ‘simbólico’.<sup>7</sup>

A espetacularização é um processo bastante avançado em quase todas as festas onde a relação com o outro e a estética adquirem grande importância. É quase impossível pensar a Festa em Catalão sem o seu lado de espetáculo, a produção de uma festa para o outro ver. Compartilhamos das preocupações apontadas por Maia, no entanto, no atual estágio do modo de produção capitalista e com as transformações na cidade de Catalão a partir de 1990, quando chegam montadoras de carro, montadoras de colheitadeiras, misturadoras de fosfato que produzem adubo, entre outras que reorganizam as relações de produção, trabalho e consumo na cidade, a preocupação com as transformações na Congada caminham no sentido de sua mercadificação, ou seja, a transformação da cultura local em mercadoria, fato que coloca o dançador na condição de trabalhador

alienado e explorado, produzindo não mais a festa, não apenas um espetáculo, mas um produto<sup>8</sup>.

Os autores<sup>9</sup> que analisam a Festa de Catalão e buscam suas origens apontam um elo entre a origem da cidade e da Festa, levando-nos a entender que para pensarmos a Festa é necessário compreender as transformações ocorridas no processo de urbanização do estado de Goiás e podemos entender as transformações na cidade a partir das transformações na Festa. Na cidade, a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário reproduz-se marcada por estas transformações, sendo que uma das implicações importantes é a inserção do branco como dançador<sup>10</sup> e o aumento do número de ternos<sup>11</sup> e de dançadores que hoje já chegam a três mil, constituindo-se na maior festa de Congadas do Brasil.

Durante a Festa outras dimensões que aquelas das Congadas e da fé se reproduzem no espaço-tempo da cidade, como a dimensão da reprodução do capital que agrega valor de troca à Festa, reproduzindo o consumo da/na Festa. O espaço da Festa reproduz-se enquanto mercadoria, e um destes momentos é o da realização da feira que comercializa produtos variados: vestuário, utilidades domésticas, roupas, calçados, bijuterias, produtos eletrônicos, comidas, raízes do cerrado, artesanato, entre outros. Para a realização da feira seis ruas próximas a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e o Largo do Rosário são fechadas ao trânsito de veículos e tomadas por barracas de lona, ambulantes, mendigos, consumidores que transformam a paisagem durante quinze dias da festa. A feira é um dos grandes atrativos da Festa e reúne pessoas de toda a região do sudeste goiano não apenas para rezar e festejar, mas também para comprar, ver o outro, encontrar as pessoas, passear pelas ruas cheias de produtos variados, ao alcance dos olhos e do consumo, facilitado pelos baixos preços praticados na feira.

Em Catalão, como em outras festas pelo interior do país ou em camelôs nas ruas das grandes cidades, a mercadoria invade e transforma o sentido da calçada e da rua que são usadas para a troca e revelam um circuito do comércio global, com uma grande parte dos produtos comercializados originários de países como China e Taiwan e/ou importados do Paraguai. Este circuito ajuda a compreender um pouco do comércio informal no Brasil, uma rede de ilegalidade que vai desde a produção – com a utilização de mão-de-obra altamente explorada nos países de origem e pirataria – até a distribuição que acontece através de quadrilhas especializadas em roubo e contrabando que são responsáveis pela reprodução de um poder paralelo que tem comprometido a indústria e o mercado formal

no país, levando à falência indústrias, pontos de distribuição e eliminando vários postos de trabalho formal, o que acaba fortalecendo ainda mais o mercado informal que “absorve” o trabalhador desempregado e sem perspectiva de colocação.

### **Considerações Finais**

As transformações decorrentes de uma conjuntura internacional de reorganização das relações de produção e de trabalho no sistema capitalista alcançaram territórios até então com outras funções dentro da divisão territorial do trabalho, o que provocou mudanças como a instalação de indústrias, aumento do sítio urbano, aumento da especulação imobiliária, reestruturação da classe trabalhadora, reorganização dos sindicatos, novas formas de comércio, entre outras, em várias cidades no interior do Brasil.

Dentre todas as transformações promovidas pelo novo momento da produção capitalista, a que mais nos interessa, enquanto pesquisadora, é a transformação no modo de vida dos moradores das pequenas cidades do país, como Catalão; este fato pode ser observado nas práticas socioespaciais, nos valores e tradições de seus moradores, reproduzidos agora dentro do contexto da industrialização. A reprodução de práticas como as festas, e em especial a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, passam por transformações que apontam para o reforço do caráter espetacular e a mercadificação, onde práticas que até então eram vividas diretamente pelos homens, passam a ser mediada pelo valor de troca, mudando o sentido de tais práticas.

Este movimento representa uma transformação característica da sociedade de consumo que tem como necessidade maior o mercado, a realização da mais-valia em todos os espaços e tempos da reprodução do urbano. Este movimento reproduz a Festa em Catalão como um espaço-tempo onde podemos analisar as transformações na vida cotidiana de moradores que, em determinado momento do processo de reprodução do capital, têm sua vida cotidiana “invadida” por outros sentidos, muitas vezes estranhos.

Procuramos construir um raciocínio que procura focar a importância da Festa como prática socioespacial de construção de identidades e as transformações que esta sofre no processo de espetacularização, buscando, principalmente, as transformações no espaço-tempo da parte cultural e comercial, uma vez que estas dimensões são

responsáveis pela reorganização do espaço da cidade, mudando o uso das ruas, praças, casas e, também, a vida cotidiana dos moradores da cidade que agora a compartilham com comerciantes que vêm de diversos lugares do país para comercializar os mais variados produtos, com os turistas e com outras pessoas que sobrevivem da festa.

Diante deste “novo” interesse capitalista pelas culturas locais vislumbra-se a possibilidade de exploração turística da Festa tanto pelos dançadores – os “de dentro” –, quanto pelo poder público municipal e outros atores envolvidos na produção da Festa – ou os “de fora”. Neste momento, a mercadificação da Festa, que envolve a reprodução de práticas culturais enquanto mercadoria inserida no circuito das trocas e da produção de mais-valia que no caso das festas populares é bastante considerável uma vez que há uma grande quantidade de trabalho voluntário e não remunerado envolvido na produção destes eventos – aparece enquanto possibilidade para os que produzem a Festa.

Entendemos a festa enquanto prática socioespacial, forma de apropriação do espaço, forma de uso do espaço para a realização da vida, e buscamos analisar as transformações nesta prática a partir da implantação do modelo de acumulação flexível<sup>12</sup> que promove uma revisão de valores e costumes com objetivo de programar o consumo dentro dos novos moldes de produção, organização do trabalho e programação do consumo. Na Festa, este momento aparece na racionalização do uso do espaço da cidade para a realização da festa com a comercialização do espaço público pela prefeitura e moradores para a instalação de uma feira com produtos variados, produzidos em várias partes do mundo e comercializados através, principalmente, da prática informal, ou seja, sem o pagamento de impostos. A programação aparece, também, na transformação da festa em mercadoria através do discurso do desenvolvimento do turismo na cidade na época da Festa, colocando-a como uma mercadoria a ser consumida, reproduzindo assim o consumo da/na Festa, como acontece com outras práticas festivas pelo mundo todo.

Lefebvre<sup>13</sup> argumenta que a programação para o consumo alcança a vida cotidiana empobrecendo as relações entre os homens que passam a ser mediada pelo valor de troca em quase todas as esferas da reprodução; entre elas as práticas socioespaciais como as festas. Essa mediação transforma o sentido destas práticas uma vez que, de acordo com Debord<sup>14</sup>, “tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.” Neste caminho, entendemos que as relações socioespaciais esvaziam-se de sentidos que eram produzidos apenas pelo uso e passam a ser mediada pelos interesses da

reprodução do capital, pelos discursos e pelas imagens produzidos no contexto histórico atual.

De acordo com Harvey, práticas que antes eram discriminadas – como as festas populares - agora fazem parte do projeto de cooptação que se funda,

... na produção de necessidades e desejos, para a mobilização do desejo e da fantasia, para a política da distração como parte do impulso para manter nos mercados de consumo uma demanda capaz de conservar a lucratividade da produção capitalista.<sup>15</sup>

Assim, os interesses do capital são colocados em primeiro plano, o que causa um estranhamento do homem no espaço que ele produz, uma vez que a ordem do capital subjuga a reprodução da vida, e “o prazer, o lazer, a sedução e a vida erótica são trazidos para o âmbito do poder do dinheiro e da produção de mercadorias.”<sup>16</sup>

Por outro lado, observamos no movimento dialético desta sociedade a resistência: mesmo diante de tantas transformações a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário ainda é uma prática sócioespacial de homens e mulheres que lutam para manter viva uma tradição, um elemento de sua identidade, a reprodução da vida. Ao final da Festa, todos voltam para casa e começam a preparar a Festa do próximo ano, é a riqueza da continuidade, a festa enquanto elemento da vida cotidiana. Para os que produzem a Festa será mais um ano cheio de lutas, discórdias, trabalho, sacrificio, alegrias e tristezas, transformações, espera pela hora de festejar, mais uma vez, a Santa do Rosário. A riqueza e a miséria da vida cotidiana.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Sobre o assunto ver: COSTA, Carmem Lúcia. A construção do lugar a partir do espaço programado – o caso da Vila Teotônio Vilela em Catalão – Goiás. Dissertação de mestrado. IESA, Goiânia: 1998.

<sup>2</sup> Moura, Clovis. Dialética radical do Brasil Negro. São Paulo: Editora Anita, 1994. p. 179

<sup>3</sup> Moura, Clovis. Op. Cit. p. 180.

<sup>4</sup> Sobre a Congada do Triângulo Mineiro ver: CARMO, Luiz Carlos do. Salve o Rosário, o Rosário Salve: sentidos e modos de viver das populações negras no Brasil Central. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC,2005. Ver também: KINN, Marli Graniel. Negros congadeiros e a cidade:

costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2005.

<sup>5</sup> SANTANA, Paola Verri de. Maracatu: a centralidade da periferia. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, Departamento de Geografia, 2006.

<sup>6</sup> MAIA, Doralice S. A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições. In: Terra Livre. São Paulo: AGB, nº16, 1º sem. 2001. p 95.

<sup>7</sup> MAIA, Carlos E. S. Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, PPGG/UFRJ, 2002. p. 25

<sup>8</sup> Sobre esta reflexão ver: SANTANA, Paola Verri de. Maracatu: a centralidade da periferia. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, Departamento de Geografia, 2006. Ver também: CRUZ, Mônica da Silva. O discurso pela f(r)esta: espaço e produção de identidades. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2005.

<sup>9</sup> Sobre o tema consultar: CAMPOS, Maria das Dores. Catalão: Estudo histórico e geográfico. Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirantes, 1976.

CHAUD, Antônio Miguel. Memorial do Catalão. Goiânia: Ed. do autor. 2000.

RAMOS, Cornélio Ramos. Catalão de ontem e de hoje (curiosos fragmentos de nossa História). Catalão: Distribuidora Kalil, 1984.

BRANDÃO, Carlos Roberto. A Festa do Santo de Preto. Goiânia: UFG, 1985.

KATRIB, Cairo M. Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão (1936 – 2003). Dissertação de Mestrado. Uberlândia UFU, 2004.

PAULA, Maria Helena. Cantigas das Congadas de Catalão – aspectos lingüísticos e identidade cultural. Dissertação de mestrado. Goiânia, UFG, 2000.

PRADO, Patrícia do. Congada, corpo e cultura na 125ª Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, 2003.

<sup>10</sup> O branco sempre teve participação na Festa em Catalão, principalmente no papel de festeiro – o presidente de uma comissão de casais com prestígio social suficiente para garantir boas doações para a realização da Festa. A princípio, famílias tradicionais organizavam a Festa, mas à medida que ela ganha proporções maiores, este sistema vai transformando-se, exigindo a participação de outras instituições, como o Estado, por exemplo.

<sup>11</sup> De acordo com Brandão: “Em 1974, havia cinco ternos de Congos na cidade, dois de Moçambiques, um de Catupé e um de Vilão. Este dado encontra-se na obra: A Festa de Santo de Preto. Op. cit. p.29.

<sup>12</sup> Harvey, David. A condição Pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

<sup>13</sup> Lefebvre, Henri. Vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

<sup>14</sup> Debord, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 13

<sup>15</sup> Harvey, David. Op. cit. p. 64

<sup>16</sup> Harvey, David. Op. Cit. p. 99.

## **Bibliografia**

- Batista de Deus, João. **Transformações sócioespaciais e as diferenças regionais em Goiás**. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo: 2005.
- Brandão, Carlos Roberto. **A Festa do Santo de Preto**. Goiânia: UFG, 1985.
- Campos, Maria das Dores. **Catalão: Estudo histórico e geográfico**. Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirantes, 1976.
- Carlos, Ana Fani. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_, Ana Fani. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1995.
- \_\_\_\_\_, Ana Fani. **Espaço-Tempo na Metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.
- Carmo, Luiz Carlos do. **Salve o Rosário, o Rosário Salve: sentidos e modos de viver das populações negras no Brasil Central**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2005.
- Costa, Carmem Lúcia. **A construção do lugar a partir do espaço programado – o caso da Vila Teotônio Vilela em Catalão – Goiás**. Dissertação de mestrado. IESA, Goiânia: 1998.
- Chaud, Antônio Miguel. **Memorial do Catalão**. Goiânia: Ed. do autor. 2000.
- Cruz, Mônica da Silva. **O discurso pela f(r)esta: espaço e produção de identidades**. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2005.
- Debord, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- Gómez, Luiz P. História da cidade de Catalão. In: **História Política de Catalão**. Goiânia: Edufg, 1994. p. 21
- Harvey, David. **Los Limites Del Capitalismo y la Teoria Marxista**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- \_\_\_\_\_, David. **A Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- Lefebvre, Henri. **Vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- Maia, Carlos E. S. **Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional**. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, PPGG/UFRJ, 2002.

- Maia, Doralice S. **A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições**. In: Terra Livre. São Paulo: AGB, nº16, 1º sem. 2001.
- Moura, Clovis. **Dialética radical do Brasil Negro**. São Paulo: Editora Anita, 1994.
- Prado, Patrícia do. **Congada, corpo e cultura na 125ª Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário**. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, 2003.
- Paula, Maria Helena. **Cantigas das Congadas de Catalão – aspectos lingüísticos e identidade cultural**. Dissertação de mestrado. Goiânia, UFG, 2000.
- Ramos, Cornélio. **Catalão de ontem e de hoje (curiosos fragmentos de nossa História)**. Catalão: Distribuidora Kalil, 1984.
- Santana, Paola Verri de. **Maracatu: a centralidade da periferia**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, Departamento de Geografia, 2006.
- Santos, Milton. e Silveira, Maria L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record: 2001.
- Katrib, Cairo M. **Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão (1936 – 2003)**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia UFU, 2004.
- Kinn, Marli Graniel. **Negros congadeiros e a cidade: costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2005.